



**“Posso te esperar por toda a minha vida”:
mulheres e dinâmicas migratórias em Cabo Verde**

“I can wait for you all my life”: women and migratory dynamics in Cape Verde

Andréa Lobo¹

Maria Anilda Martins da Veiga²

Resumo: O objetivo das reflexões que conformam este texto é o de entrelaçar dinâmicas migratórias e dimensões de gênero na perspectiva de mulheres que compõem as redes migratórias, seja partindo, seja ficando nas ilhas. Nosso ponto de partida é a noção de “espera”, uma categoria frequentemente acionada por nossas interlocutoras de pesquisa. Escrito a quatro mãos, o artigo é resultado de um fecundo encontro entre duas pesquisadoras que têm como foco a intersecção entre a perspectiva de gênero e os percursos migratórios que desafiam a manutenção de laços familiares, particularmente os de conjugalidade. Os dados analisados são oriundos de pesquisas etnográficas empreendidas pelas autoras, individualmente, sendo aqui analisados conjuntamente.

Palavras-chave: Etnografia; Cabo Verde; Gênero; Migrações, Espera.

Abstract: The aim of the article is to interweave migratory dynamics and gender dimensions from the perspective of women who make up the migratory networks, either leaving or staying on the islands. Our starting point is the notion of "waiting," a category frequently used by our research interlocutors. Written by four hands, the article is the result of a fruitful encounter between two researchers who focus on the intersection between the gender perspective and the migratory paths that challenge the maintenance of family ties, particularly those of conjugality. The data analyzed comes from ethnographic research undertaken by the authors individually, and is here analyzed jointly by both.

Keywords: Ethnography; Cape Verde; Gender; Migrations, Waiting.

¹ Professora no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília – UnB. Doutora em Antropologia pela UnB. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7525-1953> E-mail: andreaslobo@yahoo.com.br

² Mestre em Ciências Sociais pela UniCV, professora e pesquisadora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8899-5289> E-mail: anilda.martins70@hotmail.com

No escuro, um enterro ocorre na presença de uns poucos homens. Três dias depois, Vitalina Varela, mulher de olhos grandes e intensos, desce do avião de pés descalços, é abraçada por algumas mulheres que lhe dizem: “volta para trás, aqui não há nada para ti”. Ela adentra na casa escura, precária e vazia de seu falecido marido, morto há três dias. Ela não chegou a tempo para o enterro e, na casa em constante penumbra, assenta a dor que carrega há mais de 25 anos, quando ele partiu de Cabo Verde para ir trabalhar para Lisboa e a deixou em uma eterna espera. O que Vitalina guarda dentro de si se traduz nas palavras que pronuncia em um monólogo da frustração que dirige ao espírito do marido, ao longo do filme: “Você está surpreso, não é? Você não esperava minha visita. Nem na hora da morte você quer que eu esteja junto de você. Nós casamos no cartório no dia 14 de dezembro de 1982, e na igreja no dia 5 de março de 1983. Da clareza daquele amor, não restou nada. Eu não confio em você, nem na vida nem na morte. O seu corpo, nem no cemitério nem no caixão, eu não vi. Você está morto, embaixo da terra. (...) essa casa sua aqui está um trabalho muito mal feito. Porta de merda, que uma pessoa dá com a cabeça nela todo dia. Aquela casa que nós fizemos juntos em Cabo verde, é incomparável! Dez quartos, cozinha, um bom banheiro, uma cisterna grande (...) O povo que passava na rua não acreditava, nós fizemos todo aquele trabalho, só nós em 45 dias. Você foi para 45 dias de férias em Cabo Verde e nós trabalhamos dia e noite (...). Um dia você fugiu para Portugal e não disse nem “até logo!” Eu voltei para casa, fiz comida, e fiquei com ela na panela... até que joguei no lixo. Você andou por todo beco de Lisboa, do outro lado do rio, Coimbra, França, atrás de toda mulher de rua, igual bode quando sai do curral. Quando eu escrevi uma carta para você pedindo ajuda de dinheiro, você nem respondeu, ficou quieto. Quando você foi embora, eu trabalhei duro. (...) trabalhei grávida de uma menininha que nem nome tinha. Carreguei saco de cimento de 50 kg todos os dias, em cima da cabeça (...) Mas você nunca soube disso. Você nunca entrou na nossa casa depois que ela estava terminada, toda pintada. Você falava, “eu vou já, eu vou já”... até que você morreu e nunca foi. (...) você era trabalhador em Cabo Verde, você era um rapaz fino, cheio de coragem, como eu. Eu vejo todos esses homens passando por essa casa, seus camaradas, homens tristes, bêbados. Você virou preguiçoso como eles. Você devia ter ficado em Cabo Verde, a gente tinha pouco, mas era nosso, juntos. A gente trabalhava nossa terra juntos. Esse lugar aqui só tem amargura. Aqui nós não somos ninguém. A sua morte não pode apagar todo o mal que você fez. Você não pode fugir mais. (...) eu não choro por nenhum homem *mufino*³. (...) No dia que você olhar o rosto de uma mulher dentro do caixão, você não vai poder imaginar o seu sofrimento (trechos de *Vitalina Varela*, filme de Pedro Costa, 2019, tradução nossa).

Escrito a quatro mãos, o texto que aqui apresentamos é resultado de um fecundo encontro entre duas pesquisadoras que têm como foco de seus trabalhos a intersecção entre a perspectiva de gênero e os percursos migratórios que desafiam a manutenção de laços familiares, particularmente os de conjugalidade. Ao reunirmos dados sobre mulheres que emigram⁴ e mulheres que ficam⁵,

³ A expressão *mufino* é utilizada na língua crioula para desqualificar os homens pela ausência de coragem e demais atributos considerados como importantes na configuração de masculinidades valorizadas em Cabo Verde (MONTEIRO, 2013, p. 28).

⁴ LOBO, Andréa. Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde. *Revista de Antropologia da USP*, v. 53, n. 1, p. 117-145, 2010; LOBO, Andréa. Making Families: child mobility and familiar organization in Cape Verde. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 8, n. 2, p. 197-219, 2011; LOBO, Andréa. Tão longe e tão perto: famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde. E-book. Brasília: ABA Publicações, 2014.

⁵ MASSART, Gui. Masculinités pour tous ? Genre, pouvoir et gouvernementalité au Cap-Vert. Le foyer dans la spirale de l’ouverture et du changement à Praia. *Lusotopie*, v. XII, n. 1-2, p. 245-262, 2005; MASSART, Gui, The aspirations and constraints of masculinity in the family trajectories of Cape Verdean men from Praia (1989-2009). *Etnográfica*, v.

ancoramo-nos em dados de pesquisas individuais⁶, mas sobretudo nos diálogos que tais dados nos propiciaram quando nos vimos diante de discursos tais como o de Vitalina Varela, ou seja, sobre as diferentes dimensões e significados da espera em suas trajetórias de vida.

O objetivo das reflexões que conformam este texto é o de entrelaçar dinâmicas migratórias e dimensões de gênero na perspectiva de mulheres que compõem as redes migratórias, seja partindo, seja ficando nas ilhas. Nosso ponto de partida é a noção de “espera”, uma categoria frequentemente acionada por nossas interlocutoras de pesquisa. Em uma primeira mirada, o esperar estaria associado ao universo feminino em oposição à categoria “fazer a vida”, postura ativa e conectada ao mundo masculino. Nossa intenção é de questionar esses pares de opostos e refletir sobre as dimensões de espera que acabam por dar o ritmo da vida nas ilhas. Partimos das dinâmicas familiares, mas especificamente estamos interessadas nos contextos de conjugalidade e em como as relações afetivo-conjugais entre homens e mulheres são redimensionadas em situações de migração. Nossas principais interlocutoras são mulheres envolvidas nesse universo de mobilidade, entretanto, como complementação ao nosso argumento, traremos também a perspectiva de alguns homens. Em ambos os casos, a nossa ênfase é naqueles que ficaram nas ilhas e que têm seus companheiros/as emigrados/as.

A emigração é uma das marcas de identidade da sociedade cabo-verdiana. Esta emigração é marcadamente masculina⁷. Trata-se, acima de tudo, de homens adultos que partem sem suas famílias, deixando mulheres e filhos. Segundo o projeto migratório familiar ideal, cabe a esse homem buscar uma vida melhor para toda a família, seja mediante o repasse de recursos e bens financeiros, seja pela responsabilidade de dar continuidade ao projeto migratório, viabilizando a saída de outros parentes⁸. A mulher que permanece no país natal é frequentemente associada a uma condição de espera.

17, n. 2, p. 293-316, 2013.

⁶ Andréa Lobo apresenta aqui dados de suas pesquisas com mulheres e homens da ilha da Boa Vista e de Santiago. No caso dos primeiros, são em sua maioria mulheres emigrantes para a Itália ou outras paragens europeias, bem como seus companheiros que ficaram na ilha. Já em Santiago, a autora trabalhou sobretudo com mulheres comerciantes que têm seus companheiros ou maridos emigrados. Já Maria Anilda Veiga, realizou sua pesquisa de mestrado com mulheres na comunidade de Pilão Cão, centrando suas interlocuções naquelas que são reconhecidas como “mulheres de emigrantes”. As duas pesquisadoras optaram por preservar as identidades de suas interlocutoras ao longo do texto, quando este for o caso.

⁷ BRAZ DIAS, Juliana. *Entre partidas e regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000; CARLING, Jorgen. *Aspiration and ability in international migration: Cape Verdean Experiences of Mobility and Immobility*. Oslo: University of Oslo, 2001; BATALHA, Luis; CARLING, Jorgen (Orgs.). *Transnational Archipelago Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

⁸ LAURENT, Pierre-Joseph. Famílias sob influência de leis migratórias dos países de acolhida. Comparação das migrações cabo-verdianas nos Estados Unidos e na Itália. In: LOBO, André; BRAZ DIAS, Juliana. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília; Praia: ABA Publicações; EDUni-CV/Letras Livres, 2016. p.137-197; LAURENT, Pierre-Joseph. *Amours pragmatiques: familles, migrations et sexualité au Cap-Vert aujourd’hui*. Paris: Karthala, 2018.

Entendemos a “espera” acionada por essas mulheres ao falar de suas trajetórias de vida, como uma categoria moral que expressa a vigilância sobre o comportamento feminino, sobretudo em relação à sua sexualidade. Tal como sinalizado em diversos estudos sobre as dinâmicas sociais e de gênero nas ilhas⁹, há toda uma ordem discursiva essencialmente machista que disciplina o comportamento feminino. Tal ordem faz parte de mecanismos que produzem e mantêm as convenções sobre as sexualidades tal como elas se apresentam em Cabo Verde por meio de um esquema classificatório que divide as mulheres entre “sérias” e “pixinguinhas” (Anjos, 2005), enquanto categorias morais que diferenciam, estigmatizam e excluem.

No caso aqui por nós analisado, tal esquema se impõe como uma ameaça que paira sobre as trajetórias de mulheres casadas, um estatuto que se por um lado diferencia as mulheres positivamente, por outro traz consigo responsabilidades e vigilância por parte da comunidade, sobretudo da família do marido. Para as “mudjeres de emigrantes”, a condição de casada se impõe como um destino irremediável e por vezes dramático, uma vez que sua reputação está sempre sendo colocada em constante suspeição, pois de seu “comportamento sério” depende a honra do marido e de sua família. Pelo casamento, essas mulheres parecem estar presas como Vladimir e Estragon no romance de Beckett¹⁰, presos a um compromisso tão impreciso quanto inarredável, porque firmemente assentado no imaginário local.

Utilizamos, portanto, a categoria “espera” a partir de um ponto de vista sociológico que insere o esperar em um contexto de relações de poder e dominação, que alguém ou um sistema impõe à vida de alguns. Ao desnaturalizar a categoria, pretendemos demonstrar não apenas a maneira como as mulheres que esperam vivem tal experiência, mas, acima de tudo, a maneira como suas vidas – algumas mais precárias que outras – são compassadas por uma espera que acaba por constituir suas condições objetivas de existência. Nesse sentido, partilhamos das concepções de Pecheny e Palumbo¹¹ ao entenderem a espera como uma relação social, como interação que institui pelo menos dois sujeitos (individual, coletivo, institucional, real ou imaginário): quem está

⁹ ANJOS, José Carlos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 163-177, 2005; MASSART, Gui. Masculinities pour tous ? Genre, pouvoir et gouvernementalité au Cap-Vert. Le foyer dans la spirale de l’ouverture et du changement à Praia. *Lusotopie*, v. XII, n. 1-2, p. 245-262, 2005; MASSART, Gui, The aspirations and constraints of masculinity in the family trajectories of Cape Verdean men from Praia (1989-2009). *Etnográfica*, v. 17, n. 2, p. 293-316, 2013; MONTEIRO, Maria Ivone. *Família e gênero na perspectiva das mulheres kumbóssas*: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde – UniCV, Praia, 2013; MONTEIRO, Maria Ivone. *Família e gênero na perspectiva das mulheres kumbóssas*: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde – UniCV, Praia, 2013; LAURENT, Pierre-Joseph, Le désir d’enfant et la transmission dans le projet migratoire de femmes capverdiennes. *Anthropologie et Sociétés*, v. 41, n. 2, p. 59-78, 2020.

¹⁰ BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo: Companhia das Letras (ed. Kindle), 2017 [1953].

¹¹ PECHENY, Mario; PALUMBO, Mariana. *Esperar y hacer esperar*: escenas y experiencias en salud, dinero y amor. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo Press, 2017.

esperando e quem (está) sendo esperado. Nesse sentido, é uma relação entre sujeitos, entre personagens, entre posições que podem assumir uma diversidade de significados¹². Tal como demonstraremos aqui, há esperas que definem uma vida.

Os dados aqui analisados são oriundos de pesquisas etnográficas empreendidas pelas autoras, individualmente. Andréa Lobo realiza pesquisa sobre dinâmicas familiares e migratórias em Cabo Verde desde o início dos anos 2000. O material acionado aqui provém de suas pesquisas na Ilha da Boa Vista e de Santiago, além de seu acompanhamento sistemático de fóruns de discussão sobre gênero e sexualidade em páginas e grupos de discussão de cabo-verdianos na internet. Maria Anilda Martins da Veiga realizou pesquisa na localidade de Pilão Cão, uma das comunidades rurais do Concelho de São Miguel no interior da Ilha de Santiago. Utilizando-se do método etnográfico, ela trabalhou com um conjunto de técnicas de pesquisa (entrevistas, conversas, observação) para a construção de seus dados. Mais sistematicamente, foram acompanhadas cerca de dez mulheres cujos maridos/companheiros emigraram com idade compreendida entre 28 e 60 anos e que, apesar de serem categorizadas como “mudjeres de emigrantes”, revelam trajetórias e vivências distintas.

“Mudjeres de emigrantes”

A história de Vitalina Varela, personagem que dá título ao filme de Pedro Costa, apresenta diversos dos elementos que aqui pretendemos abordar ao refletirmos sobre os percursos de vida daquelas que são denominadas “mulheres de emigrantes”. É a própria Vitalina que encena e revive no filme uma vida marcada pela dor da espera. Resultado de um encontro entre o diretor e quem viria a ser sua atriz¹³, o filme retrata não só a trajetória de Vitalina enquanto mulher de emigrante expressa nos monólogos que ocorrem em meio à penumbra da casa e do bairro que ela passa a habitar em Portugal, mas o universo dos homens imigrantes que bem reflete o contexto de vida do falecido Joaquim: a falta de trabalho, o excesso de álcool, a precariedade da casa, a marginalidade, a escassez de tudo – bens materiais, afeto, dignidade, solidariedade, dinheiro. Como afirma Vitalina, esse é um lugar de amargura.

É pelas palavras dessa mulher que convidamos o/a leitor/a a conhecer o universo da Ilha de Santiago, de emigração prioritariamente masculina e de mulheres que ficam, à espera.

¹² *Idem*, p. 24.

¹³ Pedro Costa estava em Cova da Moura (bairro na Região Metropolitana de Lisboa ocupado por imigrantes cabo-verdianos) quando conheceu Vitalina Varela, na altura recém-chegada de Cabo Verde, onde esperara em Figueira das Naus, desde 1977, a volta de seu marido até receber a notícia de que ele morrera.

Primeiramente vamos a uma pequena comunidade rural, Pilão Cão, Concelho de São Miguel, no interior da ilha¹⁴. A esses dados serão somadas as trajetórias de mulheres oriundas do interior de Santiago, mas que vivem hoje na Cidade da Praia e trabalham no comércio, como vendedeiras. Tal como retratado pela história de Vitalina, na Ilha de Santiago, a emigração de homens se intensifica nos anos 1970 e 1980¹⁵, e as mulheres que ficam passam a acumular funções que tanto as sobrecarregam com “trabalho duro” quanto as reposicionam em um novo lugar social, o de “mudjer de emigrante”. Se a emigração for bem-sucedida, a mulher que fica no país adquire um novo estatuto social, impulsionado pela mobilidade econômica e financeira facultada pelas remessas enviadas e pelos possíveis investimentos feitos com esse mesmo dinheiro. Segundo Furtado¹⁶, nas zonas rurais, a emigração constitui um fator importante de mobilidade social e, conseqüentemente, de diferenciação social.

Uma outra possível transformação na vida das mulheres que ficam tem a ver com a espera pelo regresso dos maridos/companheiros. A emigração pode demorar anos, ficando as mulheres sujeitas a visitas periódicas deles, visitas essas que variam num período de mais ou menos um mês, num ciclo mínimo de um ano de ausência dos cônjuges¹⁷. Ainda, existem casos em que o regresso dos maridos/ companheiros nunca passa de um sonho, uma espera de uma vida inteira. Fato que pode ser causado por diversos fatores na vida do homem emigrante, dentre os quais a formação de uma nova família no país de acolhimento, a não acumulação de recursos suficientes para o regresso ao país, a situação precária da vida no país de emigração, entre outros.

Vamos abordar estas dimensões a partir de alguns casos que complementam e sintetizam aspectos da perspectiva de mulheres de emigrantes, já vistos a partir da história de Vitalina.

Um primeiro comentário é sobre o termo “mudjer de emigrante” em si, que nos remete à

¹⁴ Pilão Cão é uma das comunidades administrativas mais populosas de São Miguel e está situada a nordeste do concelho, a 5 km da Vila de Calheta, sede do concelho. Segundo os dados do Censo (2010), existe nesta comunidade um total de 1132 habitantes, dos quais 468 homens e 664 mulheres. Posicionada a uma altitude considerável, Pilão Cão é uma zona “seca”, sem qualquer nascente. Assim, a agricultura de sequeiro e a criação de pequenos animais em casa ocupam a maioria das famílias nesta comunidade. Estas atividades não têm dado grandes rendimentos, devido às características do clima e ao modo tradicional como são praticadas. Neste sentido, as migrações para as zonas urbanas, interilhas ou para o exterior compõem as estratégias das famílias, principalmente dos homens, na busca por garantir a sustentabilidade econômica das famílias e conseguir recursos para realizar possíveis investimentos. A expectativa é de buscar um salário fixo e seguro, sobretudo quando todos os elementos da família dependem apenas das atividades agrícolas e da criação de animais.

¹⁵ As informações recolhidas dão conta de que ali a emigração (internacional e regional) teve início antes da fome dos anos 1940, devida à seca e aos maus anos agrícolas. Nos anos 1950 e 1960, houve um aumento significativo do número de emigrantes em Pilão Cão, quando os países de destino foram Angola e sobretudo São Tomé e Príncipe. A partir dos anos 1970, a saída de homens se tornou mais importante, sendo Portugal o destino mais procurado.

¹⁶ FURTADO, Cláudio. *A transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde, Praia*; Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1993.
¹⁷ BRAZ DIAS, Juliana. *Entre partidas e regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

questão do lugar dado ao feminino nesse universo, um lugar de “mulher de”. É Scott *et al.*¹⁸ quem chamam atenção para este aspecto, ao tratar do Nordeste brasileiro, contexto em que são usados os termos “filhas de”, para as solteiras, ou “mulheres de”, quando casadas ou em união de fato. Tal vocabulário, segundo os autores, remete a uma condição de submissão em que a presença do elemento masculino se afigura como a garantia da condição e da reputação femininas. Se este pode ser o caso para determinados cenários, para o nosso caso etnográfico cabe destacar que o termo “mudjer de emigrante” abarca em si significados diversos, inclusive de *status* e poder atribuídos e manejados por elas.

A denominação “mudjer de emigrante” pode ser usada para fazer referência a mulheres com situação econômica e financeira favorável, proporcionada pelo envio das remessas por parte dos seus maridos/companheiros que vivem no estrangeiro. Como desenvolvido por diversos autores, a emigração está associada a uma possibilidade de vida melhor, e o emigrante adquire um *status* diferenciado em sua sociedade de origem, *status* este alimentado por um conjunto de signos que remetem à sua nova condição. Tal *status* se estende à família que fica¹⁹, que idealmente colhe os frutos materiais e simbólicos dos projetos migratórios de parentes. Certamente esse é o caso para as mulheres de emigrantes que, em situações consideradas bem-sucedidas, podem morar em melhores casas, possuir carros, gerir (grandes) negócios, além de se beneficiar de conforto e bem-estar material.

Uma das interlocutoras de Maria Anilda sintetiza bem essa perspectiva:

DM, de 46 anos de idade, é uma das entrevistadas que conviveu mais de 10 anos com o seu marido antes da sua partida para Portugal. Para ela, recordar esses momentos é também recordar dos momentos difíceis por que passou. O marido trabalhava nas Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-Obra (FAIMO) como pedreiro e ganhava cinco mil escudos por mês. Contou que, com esse dinheiro, comprava uma lata de banha, dois sacos de “milho mole” e o resto era comprado a retalho. Afirmou ainda que na altura já tinham construído um quarto da casa, mas para pôr a cobertura de betão do mesmo, tiveram que vender uma vaca que os pais dela lhes haviam oferecido por ocasião do casamento. Segundo diz, a emigração contribuiu para melhorar o seu nível económico e o de sua família. Em jeito de brincadeira enfatizou: “Para mim viver na miséria seria pior de que viver longe dele. Se não fosse a emigração, muitas famílias tinham uma vida muito, muito difícil em Cabo Verde”²⁰.

¹⁸ SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

¹⁹ LOBO, Andréa. *Tão longe e tão perto: famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. E-book. Brasília: ABA Publicações, 2014.

²⁰ VEIGA, Maria Anilda Martins. (Re)configurações identitárias entre mulheres cujos maridos/companheiros emigram: o caso de Pilão Cão. In: SILVA, Carmelita; VIEIRA, Miriam Steffen. *Gênero e sociabilidades no interior de Santiago*. Praia, Santiago, Cabo Verde: Ed. UniCV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 162.

Entretanto, como bem salienta outra mulher de emigrante, a ambicionada mobilidade social advinda de um projeto migratório pode se constituir mais como um foco de tensão do que como uma realidade: quando um homem emigra e deixa a sua mulher e os filhos no país, reconhece-se facilmente se ele envia dinheiro ou não. Se uma “mudjer de emigrante” não possuir pelo menos uma boa casa para morar, vê-se logo que algo não vai bem, ou seja, pode ser que o marido tenha arrumado uma outra família no estrangeiro e tenha se esquecido da mulher e dos filhos que ficaram, ou pode significar que ele não conseguiu êxito na emigração²¹. Essa tensão se expressa na própria percepção de si de algumas mulheres quando afirmam: “Eu não sou mulher de emigrante. Mulher de emigrante são as que possuem tudo (casa, carro, dinheiro...). Eu só carrego as desgraças da emigração”.

Mas é partindo das suas experiências, do estado emocional em que vivem, dos papéis sociais associados a homens e mulheres nessa sociedade, que extraímos um outro significado para a expressão “mudjer de emigrante”, um entendimento que em muito se distancia das práticas e valores associados ao ideal de conjugalidade, em especial quando esta é vivida por meio do “casamento no papel”.

Nós, as “mudjeres de emigrante” só ficamos com o nome de casada. Na verdade, estamos aqui para cuidar das nossas vidas, dos nossos filhos e para guardar os bens do nosso homem. Mas quanto à convivência, carinho, essas coisas, não. Temos homem e somos comprometidas, mas é totalmente diferente daquelas que têm o seu homem dentro de casa. Nós não estamos a desempenhar a função de mulher como aquelas que cozinham, que lavam a roupa para o seu homem e convivem diariamente com ele. E nós? O quê que fazemos para o nosso homem? Estamos aqui, ele pode estar com uma outra mulher. Nós somos um nada (Deolinda, Pilão Cão)²².

Aqui, portanto, o termo faz referência a um sentimento de incompletude, uma experiência de sacrifício que a trajetória de Vitalina Varela muito bem traduz. Tais mulheres expressam nas descrições de si um emaranhado de emoções composto por saudades, arrependimento, angústia e medo, sentimentos que são acionados por elas para contrapor os supostos benefícios associados à emigração. Recordamos a reflexão de Vitalina quando “conversa” com o falecido Joaquim: “Você devia ter ficado em Cabo Verde, e gente tinha pouco, mas era nosso, juntos. A gente trabalhava nossa terra juntos. Esse lugar aqui só tem amargura. Aqui nós não somos ninguém. Sua morte não pode apagar o que que você fez” (*Vitalina Varela*, filme de Pedro Costa).

²¹ VEIGA, Maria Anilda Martins. *(Re)configuração identitária das mulheres cujos maridos/companheiros emigraram: uma análise a partir das mulheres de Pilão-Cão*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde – UniCV, Praia, 2013.

²² Empregaremos aqui a estratégia de utilizar nomes fictícios ao nos referirmos às nossas interlocutoras de pesquisa.

Um terceiro aspecto da vida dessas mulheres diz respeito à sua adesão ao projeto migratório familiar. A expressão “trabalho duro” é a que sintetiza a (auto) trajetória ideal de uma mulher de emigrante. A conduta esperada, portanto, é de que ela se some ao sacrifício do marido emigrante e despenda um grande esforço para que tal projeto seja bem-sucedido. Além de cuidar dos filhos, de tomar conta da casa e outros bens, de servir como um elo entre o marido e os demais familiares, elas devem trabalhar duro e fazer bom uso das remessas enviadas. Por fim, essas mulheres devem ser vigilantes em suas condutas e comportamentos, os quais vão estar sob constante vigilância e suspeição, sobretudo por parte da família dele, que cuidará para que a honra do emigrado seja resguardada. É no manejar de todas essas variáveis que se compõe a trajetória de espera dessas mulheres. Vamos explorar um pouco mais esse aspecto.

No fio da navalha: sobre “viúvas de lenço branco”, “mulheres sérias” e “pixinguinhas”

Eu casei ainda uma criança. Eu trabalho, nunca fui daquelas que espera só pelo trabalho do marido. Eu sei que só o trabalho do meu marido não chega. Eu posso dizer que o trabalho dele se reduz a esta casa. Quanto às despesas da casa, eu sempre dou um jeito com o dinheiro que ganho. Depois de muito insistir com ele, ele me deixou voltar para a escola, antes não queria que eu fosse, porque as pessoas ficam inventando coisas, você sabe como é! A verdade é que eu casei, mas arrependi porque se não fosse por esse casamento eu já tinha deixado o meu marido. Homem é a desgraça da mulher. O meu marido embarcou faz 10 anos, é verdade que sempre mandou alguma coisa, mas só veio uma vez, 8 anos depois. Eu fiquei aqui, trabalhei nessa casa, continuei a educar os meus filhos, mas sempre tendo que pedir autorização dele para tudo. Eu fiquei tranquila por um lado, uma vez que, não tenho nenhum homem para me atrapalhar a cabeça. Por outro lado, sinto necessidade da sua presença. Uma mulher com marido deve estar ao lado dele, para conviver, você sabe (risos ao fazer, visualmente, referência à sexualidade)! Me sinto uma mulher incompleta e parece que não estou a desempenhar a função de mulher. Penso que também a função de mulher é estar com o marido e nós, as mulheres de emigrante, não desempenhamos essa função. É por isso que não devemos reclamar quando o nosso marido arranjar uma amante. O homem não aguenta. Não é como mulher. Eles têm um outro temperamento (D. Clarisse, Cidade da Praia).

Eu posso dizer que não tenho marido. Eu sou o que chamamos aqui de “viúva de lenço branco”, viúva de marido vivo! Eu casei com 20 anos. Oito meses depois, o meu marido embarcou, já faz 29 anos, até agora não voltou. Quando ele embarcou, estava grávida do meu único filho e agora já tenho dois netos. A viagem do meu marido acabou comigo, mas com fé em Deus vou levar este compromisso até outro mundo. Eu não tenho experiência de viver com homem. Ele foi o meu primeiro e único homem. Eu não sei quase nada da vida dele. Fiquei com ele muito pouco tempo e ainda por cima era na casa da minha sogra. Eu só fiquei com o nome de casada, ter homem meu nunca tive. Ficou o compromisso e só isso! Eu sei dele pelos outros, sei que ele tem uma família em Portugal, com filho grande e tudo!

Minha vida foi sempre difícil, com a família dele inventando coisas sobre mim... por muito tempo fiquei aqui à espera de notícias, de uma vinda dele... hoje não espero mais... mas às vezes me pego pensando o que eu faria se ele entrasse por essa porta... (D. Alice, Pilão Cão).

Os trechos acima nos fornecem elementos de como o projeto migratório pode ser vivido pelas “mulheres de emigrantes”. Diante da partida do homem, caberia à mulher ficar, cuidar dos filhos, cuidar da casa e, em alguns casos, cuidar dos pais do marido emigrado. A noção de espera sintetizaria, a partir do discurso delas e sobre elas, sua condição de mulher de emigrante em diversos sentidos.

Ela vive à espera das contribuições financeiras do homem emigrado; em uma situação próxima à de tutela pela família do marido, ela vive à espera da autorização destes para decidir sobre seu próprio percurso de vida; com relação aos filhos, como sua autonomia é relativa, ela vive à espera do pai emigrado para tomar decisões sobre os destinos das crianças; por fim, como mulher adulta, ela vive à espera do companheiro distante para viver a condição de casada. Ao expressar ser uma “mulher pela metade”, muitas delas se referem ao fato de serem casadas, mas não poderem viver a sexualidade com o marido. Essa condição é percebida em comparação ao universo masculino, pois não se espera que ele, na emigração, seja um “homem pela metade”. Para o caso deles, é sabido e esperado que vivam sua sexualidade com outras mulheres, afinal, “o homem não aguenta. Não é como mulher. Eles têm um outro temperamento”.

O extremo dessa condição de espera da mulher de emigrante é expresso no título de “viúva de lenço branco”, expressão associada àquelas mulheres que vivem à espera de um homem que emigrou, deixou mulher e filhos, mas, em algum momento de sua trajetória, rompeu laços – não envia remessas, não faz contatos, não retorna periodicamente. O drama desta mulher é continuar enredada no vínculo criado pelo casamento, sob a vigília da comunidade, sem poder seguir em frente, sem poder “fazer sua vida”, pois seus movimentos sofrem sanções morais.

“Viúva de lenço branco” é uma expressão proferida pelas mulheres que se declaram casadas na Igreja Católica e que não têm mais esperanças de voltarem a reencontrar ou a viver com os seus esposos que se encontram no estrangeiro. Porém, se apresentam como fiéis aos seus maridos, estando dispostas a continuar nessa condição enquanto uma das partes se mantiver viva. Sua conduta está bastante associada ao universo religioso e ao valor atribuído ao casamento “no papel”, mas sobretudo na igreja.

De meu marido nem quero falar porque não tenho marido. Não morreu, mas para mim ele está morto. Eu sou uma daquelas que se dizem viúva de lenço branco, já ouviu falar? Eu sou casada na igreja e respeito o meu casamento com todo o gosto:

não trai o meu marido na minha juventude, quanto mais agora. Casamento é responsabilidade e digo-te uma coisa: “mulher casada é fina”. Eu, graças a Deus, não dei a ninguém nenhum motivo para falar mal de mim. Eu vivo com Deus no meu coração (D. Ana, 54 anos, Pilão Cão).

Vivenciada de formas distintas – alguns casais mantêm contatos e constroem momentos de proximidade física durante o percurso migratório por meio das visitas em férias, outros se limitam a contatos esporádicos e há aqueles que rompem as relações, ficando para as mulheres somente o *status* ou fardo de um casamento que já não existe –, a espera parece ser o elo que une as trajetórias dessas mulheres. É sobre essa espera e a carga moral a ela vinculada que vamos nos deter agora.

Antes de tudo, é preciso qualificar essa espera. Se esperar parece sintetizar o destino destas mulheres, ela não imobiliza, não retira sua capacidade de ação. Como salienta D. Clarisse, a mulher não deve ficar à espera do homem quando se trata de cuidar do ambiente doméstico, do sustento dos filhos. Em uma atualização do modelo matricentrado da sociedade cabo-verdiana, a mulher de emigrante segue no comando da vida doméstica, vida esta que não parece se ressentir da ausência do homem que emigrou.

O ideal da espera, portanto, parece ser uma condição moral à qual a mulher deve se submeter, mantendo seu papel de esposa, sobretudo no que concerne à sua conduta sexual. Vamos entender melhor essa dinâmica.

Os dados por nós compartilhados até aqui demonstram que parte do que se espera dessa mulher que fica é o “trabalho duro”. Se no universo rural, trabalhar a terra, cuidar dos animais, vender o excedente da produção doméstica são as tarefas que lhe cabem, elas são chamadas a incorporar atividades que estariam associadas ao universo masculino. Carla Cardoso²³ relata a situação das mulheres *fornadjeiras* da Ribeira Principal (Ilha de Santiago), que, no contexto da emigração dos maridos/companheiros, assumem o trabalho nas *fornadjas*, local de produção de grogue (aguardente). Já no universo urbano, a depender da situação econômica, muitas delas vão trabalhar como vendedeiras, seja nas feiras seja em pequenos comércios montados em casa, geralmente com produtos recebidos dos parentes emigrados nos bidões; enquanto outras vão em busca de emprego no governo, nos comércios, nas empresas etc.

O que queremos destacar é que quando o que está em jogo é o trabalho e a renda, não é bem visto que a mulher fique “sentada, esperando que lhe mandem de tudo”. Patrícia, vendedeira na feira da Sucupira, com marido emigrado para os EUA há mais de 15 anos, reafirma essa conduta:

²³ CARDOSO, Carla Santo de Carvalho. *Fornadjeiras da Ribeira de Principal: poder, resistência e identidade feminina no espaço de produção*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde, Praia, 2009; CARDOSO, Carla Santos de Carvalho. Mulheres na “fornadja”: tecendo caminhos (im)possíveis para a emigração. *Estudos Feministas*, v. 24, n. 3, p. 973-981, 2016.

Não dá para ficar parada esperando dinheiro vir de fora! Não, apesar de estarmos separados pela migração, temos que construir nossas vidas juntos, ele lá e eu aqui, os dois no sacrifício para dar estudo para os filhos, construir nossa casa, ter uma vida melhor. Então, foi assim que temos vivido. Quando ele pode, ele manda... mas às vezes não manda nada, já passou mais de ano sem mandar nenhum tostão, fazer o quê? Eu vou desenrascando por aqui, com a venda das coisas da América que ele ou minha família manda... mexo daqui, mexo dali e assim e vou desenrascando nossa vida. É graças a essas vendas que meus filhos têm escola... porque mulher não pode esperar nada de homem. As pessoas têm manias de dizer que as mulheres de emigrantes têm tudo enquanto, qual é? Quando eles se lembram de nós, é bom, mas de resto, é como a vida das mulheres todas aqui dessa Sucupira, se a gente não buscar a nossa vida e ficar esperando homem, morre é de fome (Patrícia, 46 anos, Cidade da Praia).

Patrícia vem se somar a Vitalina e demais mulheres que partilham do sacrifício do projeto migratório de forma plena, seja porque trabalham tão duro quanto o companheiro supostamente o faz quando parte para o estrangeiro, seja porque carregam consigo toda a responsabilidade de demonstrar à comunidade em geral, por meio de sua conduta, que o projeto está tendo êxito. Nesse campo social migratório, que conecta quem partiu e quem ficou, aos emigrantes cabe o benefício de se distanciarem fisicamente do monitoramento diário sobre suas condutas, portanto, estando mais livres para vivenciar suas trajetórias, distantes do olhar atento da família e da comunidade. Tal olhar recai sobre os que ficam, sendo suas vidas um parâmetro para as avaliações de sucesso e fracasso das trajetórias de migração.

No caso das mulheres casadas, recai sobre elas não somente a corresponsabilidade da “melhoria de vida” pelo “trabalho duro” inerente ao seu *status* de “mudjer de emigrante”, mas uma constante vigilância sobre seu comportamento. Tais mulheres parecem viver no fio da navalha, pois qualquer deslize pode comprometer a sua honra e a honra de seu marido emigrado. Uma das dimensões importantes para garantir o seu *status* de “mulher séria” reside na comprovação de seu engajamento por meio do trabalho e da gestão da casa e dos filhos. Entretanto, como veremos na história de Carolina, essa é uma faceta mais geral da mulher cabo-verdiana, que, apesar de ser associada ao mundo da casa, preenche os espaços públicos com sua presença ativa no universo do trabalho formal ou informal²⁴.

Trazemos o relato da jovem Carolina (29 anos), cujo marido tem 43 anos e está emigrado na França. Carolina morava na casa dos pais do marido e teve que abandonar a escola quando ele emigrou: “ele me tirou da minha casa, me botou para viver com a mãe dele e eu parei a escola na 6ª classe, ele não queria que eu ficasse andando por aí, pois ainda era nova, bonita e ele tinha medo de

²⁴ Como indicam diversos estudos, as mulheres movimentam a economia doméstica e, em muitos casos, assumem totalmente essa responsabilidade. São diversos fatores que contribuem para esse quadro: a questão da desigualdade social, o desemprego, uma associação do feminino com a comercialização de produtos diversos que se estende por toda a África Ocidental (Brooks, 1976; Grassi, 2003; Lobo, 2012b; Fortes, 2015; Venancio, 2017). Mas cabe um destaque para as características mais específicas das relações de conjugalidade no arquipélago, que localiza o homem-pai em um distanciamento relativo (Lobo, 2012; 2014).

me perder”. Segundo seu relato, ele lhe mandava coisas bonitas e quando retornava para as férias de fim de ano, “eu aproveitava com as roupas que me trazia, era mesmo giro. Eu aproveitava para vestir tudo enquanto quando ele estava aqui porque nós passeávamos muito. Eu sentia uma princesa mesmo. Ele me chamava de bonitona e me disse que se eu lhe botasse corno me matava”. Carolina continua pontuando as melhorias na vida graças à emigração do marido e a sua colaboração, pois é ela quem administra os investimentos dele em Cabo Verde (construção da casa, compra de um carro, construção de um negócio etc.), entretanto, há a questão dos familiares dele, que “estão sempre a querer me injuriar, me chamam de *basofa* (“metida”, nesse caso), de preguiçosa e gastadeira. A mãe dele vive a dizer que eu não gosto de trabalho, gosto só do dinheiro que ele manda. Ficam todos com a boca em cima de mim, é uma vida de desgraça porque é só calúnia que chega nos ouvidos dele, é só confusão, guerra”.

Para ter sua reputação preservada, as regras do jogo requerem da mulher um comportamento ativo no mundo do trabalho e dos ganhos econômicos. Como demonstra Carolina, há um equilíbrio delicado entre demonstrar a melhoria de vida associada à emigração do marido, por meio das roupas, do carro e da demonstração de uma vida mais “descansada”, e o esbanjamento, que facilmente é rotulado como “aproveitamento” do sacrifício do outro. Se a comunidade toda está “de olho” (“com a boca em cima de mim”), é à sogra e à família dele quem cabe zelar pela honra do homem e da família, pois um homem não pode “ficar na vergonha”²⁵.

No grupo do Facebook intitulado “Dexam sabi na Cabo Verde” circulou uma suposta carta de uma mãe cabo-verdiana para seu filho que está na França, a qual exemplifica muito bem esse universo de tensão que se instala entre a família do marido e a mulher que fica. A carta foi publicada em crioulo e, no lugar de traduzi-la por inteiro, destacamos aqui os pontos principais de seu conteúdo. Trata-se de carta enviada ao filho emigrado dando a lhe conhecer a má conduta de sua mulher que ficou. A fonte do conflito seria um carro que acaba por se configurar como um fardo, uma fonte de desvio da conduta da mulher e, conseqüentemente, de conflito.

A mãe informa que as coisas não estão a correr muito bem e que os vizinhos estariam comentando sobre a má conduta de Juvelina, possivelmente com o condutor contratado por Cezário (o emigrante) para transportar pessoas e bens entre as localidades²⁶. Um dos indícios seria a “pele bonita” de Juvelina, pele boa de alguém que está em “algum movimento”, no sentido sexual. Outro indício seria a mudança no padrão de vestimenta do condutor do carro, “agora com pele bonita,

²⁵ MONTEIRO, Maria Ivone. *Família e gênero na perspectiva das mulheres kumbóssas*: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde – UniCV, Praia, 2013.

²⁶ Negócio comum em Cabo Verde e bastante vinculado aos emigrantes, que têm o poder de compra para adquirir um carro ou uma frota, que servem tanto para o uso próprio quando para prestar serviços de transporte a preços determinados para cada viagem.

corpo limpo, vestindo calça, sapato preto, camisa de manga comprida e óculos pretos colocados em cima da cabeça”. Por sua vez, “Juvelina não pila mais o milho, não põe mais as mãos na panela, não apanha mais água! Juvelina virou uma mulher da rua, acorda 6 horas da manhã e só volta tarde, vai para a Assomada e outras localidades, para cima e para baixo com o chofer e o carro”. Após expor a situação, a mãe dá seu conselho ao filho: “vender o carro rapidamente, pegar o dinheiro e colocar no banco ou dar para alguém de confiança”. No caso ela, que vai “enrolar o dinheiro em quatro sacolas plásticas, enterrar no chão até que ele volte”. Antes de terminar, ela diz ao filho que está com água nos olhos por causa da vergonha que Juvelina está fazendo ele passar. Está com o coração partido porque o filho trabalha no frio, no calor, no gelo, na chuva, e os outros estão a gozar dos frutos de seu suor. Sobre Juvelina, ela dá sua sentença: mulher que muito demanda não presta.



<p>Boentradinha 9 de agosto de 1980</p> <p>Meu querido filho Cezario, em primeiro de tudo desejo que esse pedacinho de papel qui leva essas duas linhas te encontra bem de saúde e qui anjo da guarda estar sempre ao teu lado para proteger dos pessoas contratado com o xuxu e de feteceiras.</p> <p>Porque trabalhar com gente rico tem qui toma muito cuidado para nau usau para pagar xuxu.</p> <p>Nos por aqui ka mutto bom, regular. Coisas que estam acontecendo ka muito bom. Vizinhos anda ruendo qui Juvelina dja demanda...Eu nau sabe nada mas povo dja rué que Juvelina ja demanda. Pa quel qui ouvi Juvelina demanda com o chofer. Juvelina tem pele mutto santado e sta muito boli/boli, sta parecer com alguen qui dja mexe.</p> <p>O chofer quando chegaste para trabalhar</p>	<p>O carro qui mandaste trouxe so problema. Francelino qui estava na escola la Somada desde qui o caro chegar qui Francelino ja nau quer ir mas para escola. Ele vai porque Juvelina quer ficar so pa poder Kampia mundo. "Nonpreste, cadela quela é bitchafera 7 cabeça"</p> <p>Francelino quer estar na cadera carro ta core riba /ta core baxu. Conselho de mamai é para mandar vender este carro mas rapido qui poder e por dinheiro na banco ou dar alguen de confiansa pa guardar o inton eu ta guardar na inpena casa. Eu vai rolar em 4 bolsa de plastico covar tchom intudja te qui bu bem.</p> <p>Tudo Imigrante qui mandar caro para terra e deixar nau ganha nada."ta perde so perde" Isto chama trabalhar para otu goza. Chofere tudo desgraciado ta robar tudo dinheiro qui caro dexa.</p>
---	--

<p>aqui, estava magrinho ropa bedju uma mo di frente otu de tras. Agora esta pele santado, corpo limpo, sapato preto, veste so calsa di tirilene cumprado la casa guents Neves, Manelinho Montero o casa nho Camilo. Camisa so manga comprido oclu pretu trunkadu riba testa.</p> <p>Juvelina desde qui mandaste o carro- Juvelina ka kotchi mais, Juvelina nau por mo na panela mais, Juvelina nau apanhar agua mais, Juvelina nau cuidar de limaria mais, Juvelina nau cuidar de azagua mais. Juvelina vira um mudjer de rua, Sai 6 hora palmahan volta 5/6/7 de tarde. Juvelina tudo Quarta e sabru Juvelina vai pasear ronca la somada.</p> <p>Juvelina ja nau mara pano na cintura mas. Ago saia gaita/gaita,shadebola,oclu preto na olho andar para Somada na frente carro mo fora. Juvelina agora sta madrinha de tudo casamento e batizado de nossa zona. Tudo dia chega em casa mas de 20 fidjadu tomar benson e tudo Juvelina tem qui poi algum kuza na mo.</p> <p>Bu sabe eu ka tenho escola eu venho somada este rapazinho screve carta para eu.</p> <p>Na Somada eu ouvi qui Juvelina bai para figueira da Nas casa de Armandinho fazer corda. Semana pasado Juvelina foi Santiago casa de Mendinho.</p>	<p>Pode ficar sosegado porque o rapazinho qui sta escrever a carta nau conhece familia ele nau vai papiar. Quando mandar resposta manda dinheiro porque rapazinho vai cobra 50 escudo para ler e escrever resposta. Cezario senpre procura alguen qui nau conxe familia para escrever e ler a carta.</p> <p>Antes de terminar queria dextr bo sabe qui estou com lagua na odju de poca vergonha de Juvelina, um dinherinho qui eu tinha guardado para azaguas é dal na denti um bes.</p> <p>(...)</p> <p>Eu estar com kurasom partido porque meu filho trabalha baxu frio, baxu calor, dentu gelo, dentu tchuba para otus estar a gozar de bu sour. Antes de terminar Cezario tanbe podes trocar carro ku casa ou tchom la Somada depos saber kuze vai fazer ku Juvelina porque mudjer qui demanda ka presta.</p> <p>Para termina meu querido filho que quero da vida ate morte toma benson “Nossa senhora da guarda estar senpre ao teu lado, anjo da guarda na bu kumpanha senpre qui Deus trouxe pa terra pronto sam de saude sima bu bai.</p> <p>Ao terminar essas duas linhas eu queria flau ma estar com água na odju (Facebook, grupo “Dexam sabi na Cabo Verde”)</p>
--	--

O tom alimentado no relato pode ser o estopim de um drama ou uma tragédia familiar. Esse tema é tão central que permeia a cultura popular em Cabo Verde. Na literatura, na música e no teatro, seriam inúmeros os exemplos. Deixamos aqui a referência a um caso analisado por Trajano Filho²⁷, o do romance *Dois Irmãos*, de Germano Almeida, em que o romancista cabo-verdiano explora a história de um emigrante que recebe a notícia, por meio de seu pai, de que sua mulher e seu irmão estavam juntos. O emigrante é obrigado a voltar e a recuperar sua honra, configurando-se uma tragédia familiar em que um irmão mata o outro.

E então chegamos a um elemento central no que se refere à reputação da mulher e à honra do homem: o comportamento sexual dela. Se refletirmos sobre os casos que aqui trouxemos, a

²⁷ TRAJANO FILHO, Wilson. O quão frágeis são os valores modernos: o fratricídio em Germano Almeida. In: LOBO, Andrea; BRAZ DIAS, Juliana (Orgs.). *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações, 2016. p. 29-46.

grande maioria deles faz referência a uma vida “sem carinho”, “sem experiência com homem”, “estar casada só no nome”, “não ter convivência com o marido”. No caso das mulheres casadas, as regras do jogo que implicam em fidelidade feminina impõem uma suspensão de sua vida sexual durante a ausência do marido. Como já visto aqui, por meio dos casos etnográficos que trouxemos, essa ausência pode durar anos, e o que o padrão ideal de “mulher séria” parece determinar é que ela abdique de sua sexualidade.

E como “homem é chuva, mulher é planta”, tal como nos lembra uma interlocutora de Monteiro²⁸, do homem não se espera abstinência sexual, estando sua masculinidade associada não só a virilidade e potência sexual, mas seu pleno exercício com mais de uma parceira. Ser planta significa ser permanente, estável, dependente e reprodutora, enquanto o homem é apresentado como imprevisível, escasso, independente, inconstante, controlador. Tais características presentes nesse ditado popular traduzem valores de gênero na sociedade cabo-verdiana que colocam homens e mulheres em posições diferentes e desiguais no relacionamento. Dessa forma, no contexto da conjugalidade, assim como a chuva tem o poder de regar várias plantas ao mesmo tempo, o homem também pode ter várias mulheres concomitantemente²⁹.

Tal lógica tem solo fértil nas relações analisadas por nós e se impõe para mulheres de emigrantes quando, pelo casamento (entendido como um laço indissolúvel), elas se veem destinadas a uma espera que se não imobiliza outras esferas de sua vida, provoca uma suspensão, uma anulação de sua sexualidade. Ao mesmo tempo, essa separação é vivida pelos homens de forma não só distinta, mas antagônica. Não à toa que, em 100% de nossas interlocutoras, ouvimos não só histórias sobre a sexualidade livre deles, mas sobre seus sentimentos de insegurança face a essa realidade. A categoria que melhor expressa essa dimensão da espera para estas mulheres é medo³⁰.

Ao mapearmos as diferentes dimensões da espera que parecem sintetizar a vida dessas “mudjeres de emigrantes”, observamos a multiplicidade de experiências, estratégias e formas de vivenciar essa condição. As regras em jogo que perpassam as relações de gênero e as condutas morais associadas ao feminino dariam o contexto no qual as mulheres de emigrantes constroem suas vidas. Em uma primeira mirada, poderíamos concluir que tais mulheres reúnem em suas vidas dois elementos altamente valorizados na construção de percursos de vida, o casamento e a emigração.

²⁸ MONTEIRO, *Op. cit.*

²⁹ *Idem*, p. 28.

³⁰ Se podemos defender a ideia das continuidades com os padrões de conjugalidade nas relações entre homens e mulheres nas ilhas, para os casos de emigração há o imponderável da distância, que, na avaliação das mulheres, aumenta a insegurança. Como bem retratado na literatura sobre conjugalidades em Cabo Verde (LAURENT, 2018; MONTEIRO 2013; LOBO, 2014; FORTES, 2016), as mulheres lutam por seus companheiros, traçando estratégias para afastar um rival ou *kumbóssa* (MONTEIRO, 2013). Não é difícil imaginar que, quando em uma situação de distância física, mapear tais relações e se proteger delas se torna mais complicado e, em alguns casos, impossível. Tal insegurança ganha, portanto, novas proporções diante da impotência de lutar pelo seu homem, daí o medo de ser abandonada.

Em uma sociedade marcada por laços conjugais frouxos, em que o casamento formal (no cartório e na igreja) não é necessariamente a norma, sobretudo nas classes populares, ser casada é um valor que carimba as trajetórias de “mulheres sérias”. Da mesma forma, a emigração é um capital social central nessa sociedade e, como já dito, ser casada com um emigrante é algo almejado, uma possibilidade de participar do capital migratório e incorporá-lo em sua família³¹.

Nosso objetivo aqui foi ir além dessa constatação inicial e, ao adentrar nas vidas dessas mulheres, complexificar tais interpretações e sinalizar para as tensões, angústias e estratégias que elas experienciam nesse contexto em que as moralidades funcionam como um verdadeiro policiamento de gênero³². O que queremos dizer é que paira sobre elas uma constante ameaça moral que restringe o comportamento feminino caso elas queiram ter sua reputação preservada. Isso porque os estigmas de “pixinguinha” ou interesseira podem ser mobilizados por homens e suas famílias quando as mulheres não cumprem os requisitos normativos de gênero. No caso aqui em tela, tais requisitos são acionados para disciplinar muitos aspectos da vida social das mulheres: o mundo do trabalho, seus acessos ao espaço público, padrões de vestuário, comportamento sexual etc. O desafio delas, portanto, é de ou tentar escapar do estigma respeitando um certo número de normas ou reconfigurar suas trajetórias de modo a enfrentar tal sistema. De acordo com alguns estudos, isso é o que tem marcado o comportamento das mulheres jovens, que, ao acionarem o discurso de “mi, nada a ver” (eu não estou nem aí para o que dizem), parecem trabalhar no sentido de superar e transformar os arranjos morais vigentes³³. Outro caminho seria a emigração delas.

“Eu não fico aqui à espera, eu faço minha vida”

Como contraponto, e de forma a complexificar nossa análise, avançaremos para uma breve reflexão sobre a emigração feminina. Mantendo o foco naqueles que ficam, pretendemos trazer a perspectiva masculina para entender como este homem vivencia a conjugalidade à distância quando quem emigra é ela.

³¹ LAURENT (2020) e VEIGA (2016).

³² CASTRO, Julie. Les filles sont trop matérialistes. Tensions et soupçons dans les transactions sexuelles au Mali. In: FASSIN, Didier et al. (Eds.). *Economies morales contemporaines*. Paris: La Découverte, 2012. p. 309-330.

³³ MASSART, Gui, The aspirations and constraints of masculinity in the family trajectories of Cape Verdean men from Praia (1989-2009). *Etnográfica*, v. 17, n. 2, p. 293-316, 2013; BORDONARO, Lorenzo. Masculinidade, violência e espaço público: notas etnográficas sobre o bairro Brasil da Praia (Cabo Verde), *Revista Tomo*, n. 21, p. 101-136, 2012; LOBO, Andréa. *Tão longe e tão perto: famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. E-book. Brasília: ABA Publicações, 2014; FORTES, Celeste. “Regressar é regredir”: estudantes cabo-verdianas em Lisboa e discursos sobre os projectos de retorno a Cabo Verde. In: ÉVORA, Iolanda (Org.). *Diáspora cabo-verdiana*. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2016, p. 88-105. (Temas em debate, E-book).

Quando Andréa Lobo iniciou sua pesquisa com mulheres emigrantes na ilha da Boa Vista, ilha com uma emigração feminina singular no cenário cabo-verdiano, uma amiga de Santiago lhe disse:

vou te contar o que você vai encontrar lá, o que acontece não está correto, os homens mandam suas mulheres para a emigração, coitadas, e passam seus dias a beber grogue, sem trabalhar, só à espera do dinheiro que elas mandam! Coitadas, ficam a sustentar seus homens preguiçosos e que se aproveitam delas.

De fato, o caso das mulheres emigrantes da Ilha da Boa Vista torna esta situação mais complexa ao inverter um padrão ideal de que o homem vai e a mulher espera. No caso das famílias que compuseram a pesquisa em questão, esse movimento envolve uma emigração autônoma, ou seja, de mulheres que emigram sozinhas, deixando companheiros, maridos, filhos e outros membros da família e abrindo caminhos em redes migratórias que são renovadas com a partida de outras mulheres e, eventualmente, homens que são levados por elas³⁴.

Diferentemente da situação de Santiago, em que com facilidade encontramos “mulheres de emigrante”, mesmo após anos de pesquisa em Boa Vista, nunca foi possível conversar com um homem que assim se reconhecesse, como um “marido de emigrante”. De fato, essa é uma categoria que não existe, e o tal “homem boa-vistense”, que mandaria a mulher para o estrangeiro e ficaria à espera dos recursos que ela envia, com este nunca foi possível conversar. Ele aparece nos dados de pesquisa como um tipo associado ao universo boa-vistense, sendo, sobretudo, uma categoria de acusação utilizada pelos próprios homens ao se referirem a um outro genérico que “viveria às custas do trabalho da companheira emigrada”. O exemplo de Nelson e Maria, extraído do diário de campo de Andréa Lobo, nos ajudará a melhor compreender esse contexto.

Nelson é companheiro de Maria, que vive na Itália há muitos anos. Com Maria ele tem uma filha, Sandra. Com outra senhora do interior da ilha, que também vive na Itália, ele teve Fabrício. Nelson e Maria começaram a namorar com 17 anos de idade e logo esta foi emigrada para a Itália, em 1978. Nelson ficou e foi trabalhar como professor em uma vila do interior da ilha, lá se envolvendo com essa outra mulher que engravidou de Fabrício. O namoro com Maria “esfriou” e foi somente quatro anos depois, quando ela foi de férias para Boa Vista, que ele “deixou a outra de lado” e se firmou com Maria, que foi grávida para a Itália e teve Sandra em 1983. As duas mulheres envolvidas com Nelson eram primas e ele relata que houve muita confusão entre elas, “elas não chegaram às vias de fato por pouco, mas teve muita confusão, muita falação por parte das famílias. Lá na Itália mesmo elas tiveram muitas brigas. Hoje não brigam mais, mas também não se falam” (Nelson). Sandra foi enviada por Maria para Cabo Verde com três anos de idade e foi criada pela avó materna. Hoje em dia ela vive com o pai e administra a casa, “ela que toma conta da casa, faz comida, essas coisas que mulher deixa muita falta”. Nelson relata que Maria é uma mãe muito presente e rígida com Sandra. Quando pergunto

³⁴ Para os interessados em aprofundar na emigração feminina em Cabo Verde, ver: LOBO (2014), BONGIANINO (2012), ÉVORA (2016), GRASSI; ÉVORA (2007), MONTEIRO (2013), CARDOSO (2009) e FORTES (2016).

se ela está sempre em contato, ele diz que ela sabe das coisas da Boa Vista mais do que ele, pois as irmãs lhe telefonam para contar o que acontece e ainda para inventar coisas que não aconteceram. Diz ter muitos problemas com as irmãs de Maria, “são muito faladeiras e vão contar-lhe tudo enquanto, especialmente minhas escapadas. Sabes, dou minhas escapadas pois a tentação é grande, mas nunca assumi nenhum relacionamento com ninguém depois que firmei com Maria, ela é minha mulher e ela sempre teve seu lugar, mesmo no tempo em que passamos três anos separados, sem ela vir aqui. Mas agora ela já vem sempre, quase todos os anos e não tem mais problemas. Apesar das dificuldades de viver assim, cada um num lugar, nossa história é boa, por exemplo, nunca houve boatos de Maria arranjar ninguém por lá pela Itália, isso eu não admitiria pois sou crioulo”. Pergunto se há muitos boatos a esse respeito, “há alguns, mas muito poucos”. Por fim, ele enfatiza: “eu não sou desses homens que ficam sentados esperando vir remessa da Itália, eu não, eu tenho meu trabalho e a gente se ajuda para melhorar a vida. Ela foi, sim, mas eu não fiquei aqui sentado à espera, eu faço minha vida, dou meus movimentos. Mas essa fama da Boa Vista é justa, pois há muitos homens que não trabalham esperando pela mulher que está fora. Nas outras ilhas o pessoal goza bastante, dizem que o homem da Boa Vista põe a mulher para trabalhar na emigração para ficar sentado em casa esperando o dinheiro chegar no banco, e é verdade em muitos casos, mas no meu não!” (Diário de campo, 2005).

“Fazer a vida” e “dar seus movimentos” são as expressões mais acionadas pelos homens que têm relações com mulheres emigradas, nesse contexto pesquisado. Tais expressões carregam sentidos múltiplos e que se vinculam ao universo do masculino, tendo a ver com o mundo do trabalho, o domínio do espaço público e a sexualidade. O que nos ocorre é que o valor moral do “fazer a vida” parece se opor ao sentido negativo de “ficar à espera” para o homem da Boa Vista, sendo acionado por tais sujeitos no sentido de distanciar suas trajetórias do estereótipo do homem preguiçoso e aproveitador, que “esperaria” as remessas de forma passiva, ou seja, “parado”, “sentado”.

O valor do movimento analisado por alguns autores ao tratar da sociedade cabo-verdiana³⁵ bem expressa os sentidos de “fazer a vida”, também presente, como vimos, nas trajetórias das mulheres de emigrantes, que, tal como os homens, podem ser acusadas de se aproveitar do companheiro emigrado, caso não “trabalhem duro”. Entretanto, para outras esferas da vida da mulher, “dar seus movimentos” implica em suspeições sobre sua conduta, colocando em risco sua reputação, enquanto para o homem parece implicar em reafirmação de sua masculinidade.

Gui Massart³⁶, em seu estudo sobre masculinidades em Cabo Verde (especialmente na cidade da Praia, Ilha de Santiago), afirma que a masculinidade cabo-verdiana tem sua dinâmica em meio a

³⁵ LOBO, Andréa. A família em Cabo Verde: uma perspectiva antropológica. *Revista de Estudos Cabo-Verdianos*, Praia, v. 4, p. 99-114, 2012; VASCONCELOS, João, “Manera, ess muv?”: a mobilidade como valor em São Vicente de Cabo Verde. In: BRAZ DIAS, Juliana; LOBO, Andréa LOBO (Eds.). *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 49-64; DEFREYNE, Elisabeth. *Au rythme des tambor*: ethnographie des mobilités des “gens de Santo Antão” (Cap-Vert, Belgique, Luxembourg). Thèse (Doctorate en Sciences Politiques et Sociales: Anthropologie) – Université Catholique de Louvain, Louvain, 2016.

³⁶ MASSART (2005; 2013).

tensões internas e injunções contraditórias: o homem masculino ideal é um conquistador de mulheres, um predador, um homem de prestígio, além de provedor e protetor, é um homem realizado, estável e alguém sempre em movimento, progredindo. Como tal ideal dificilmente se realiza plenamente, tais performances operam com tensões, pois, frequentemente, entram em choque com a centralidade das mulheres na família ou com comportamentos femininos que fogem ao esperado³⁷, ameaças potenciais à ordem.

Portanto, nessas situações e perspectivas, o gênero é muito mais que uma categoria social, é um princípio de estruturação dinâmica da imaginação do eu. Uma vez reconhecidas essas dinâmicas, fica mais fácil entender o universo das relações de gênero, o comportamento dos homens e suas dificuldades para executar o que sentem que deveria ser o seu papel em Cabo Verde³⁸.

Outros estudos sobre masculinidades em Cabo Verde³⁹ nos remetem a uma ordem discursiva essencialmente machista, que acaba por reduzir a mulher a um conjunto de regras, normas e restrições morais, de tal forma que seu comportamento facilmente pode ser classificado como desviante e suas práticas estigmatizáveis. No que se refere à sua mobilidade no espaço público, por exemplo, a performance feminina (jeito de andar, aonde ir, como se vestir, com quem se relacionar, tempo que despense na “rua”) é facilmente objeto de suspeição que remete à sexualidade e, conseqüentemente, ameaça sua reputação. Nesse sistema, práticas estigmatizáveis para as mulheres são recursos legítimos para os homens⁴⁰. Dentre as diversas transformações pelas quais passa essa sociedade (escolarização das mulheres, debates sobre assimetrias de gênero, legislação sobre violência baseada no gênero etc.), certamente a emigração feminina, tal como se dá em contextos como Boa Vista, coloca em risco a capacidade dos homens em afirmar, performar o seu gênero e reproduzir sua masculinidade⁴¹.

O diálogo jocoso entre Cacá e Benvindo nos dá a pistas para compreender o que está em jogo para os homens:

³⁷ ANJOS, José Carlos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 163-177, 2005.

³⁸ MASSART (2013, p. 296).

³⁹ BORDONARO, Lorenzo. Masculinidade, violência e espaço público: notas etnográficas sobre o bairro Brasil da Praia (Cabo Verde), *Revista Tomo*, n. 21, p. 101-136, 2012; LIMA, Redy. Delinquência juvenil coletiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrônica. In: Pureza, José Manuel; ROQUE, Sílvia; Cardoso, Katia (Orgs.). Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 57-8; DOS ANJOS, José Carlos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 163-177, 2005.

⁴⁰ ANJOS, *Op. cit.*

⁴¹ MASSART (2005; 2013).

No caminho para a Praia de Santa Mônica, Benvindo brinca com Cacá dizendo que este interveio no namoro que Benvindo tinha com sua irmã que vive na Itália. Sem entender, pergunto detalhes sobre a estória: Benvindo diz que namorava com a irmã de Cacá e este meteu-se entre os dois para ficar ganhando as camisas e sapatos bonitos que ela mandava para o namorado. Cacá se defende, diz que não foi assim, que foi Benvindo quem negou casamento com ela e, ofendida, ela não quis mais nada com ele. Quando pergunto, como assim? Cacá ri e diz que Benvindo ficou com vergonha de ser pedido em casamento e por isso perdeu a namorada. Benvindo retruca e me explica que não foi assim, que não casou porque não se sentia preparado e não porque foi pedido. Percebendo que eu não entendia bem essa coisa de “ser pedido em casamento”, Cacá me explica: “Dizem que manda a tradição que o homem deve pedir a mulher em casamento, mas no caso das *italianas* (emigrantes na Itália), há a gozação de que o homem que casa com uma não pede em casamento, mas é pedido pois é ela quem dá a festa, o fato (o terno), as alianças, constrói a casa, enfim, dá tudo! Assim, conseqüentemente, é ela quem manda na casa e o orgulho do homem fica ferido”. Ele complementa dizendo que isso é um problema e uma ofensa para o homem. Cacá afirma que no seu caso não foi assim, que casou com uma *italiana* mas não foi ela quem deu tudo, pois um irmão seu que estava na Itália também ajudou, assim não teve problemas! “Além do mais, hoje ela vive aqui na Boa Vista e eu tomei a gerência de tudo, como deve ser” (ele se põe numa posição corporal de quem manda e todos rimos)! (Relato de Andréa Lobo, 2005).

Nelson complementa essa perspectiva masculina ao enfatizar, em seu relato, não somente o fato de ter uma profissão, salário e de ser ativo na construção material da vida familiar e na sua participação como pai, mas por diversas vezes em nossa conversa ressalta que sua vida sexual segue ativa por meio de suas “escapadas”. Ao apresentar todos esses aspectos, ele, Cacá e Benvindo salvam sua face aproximando-se de formas específicas de ser, agir, se identificar e de se comportar nas interações com suas *italianas*, de maneira a atualizar um modelo de masculinidade que se aproxima do ideal. Por fim, temos a performance de Maria na Itália, uma mulher fiel, sendo tal comportamento estendido para “a mulher cabo-verdiana em geral”.

Entrelaçando todo esse contexto, podemos concluir que, ao contrário da mulher, a quem caberia esperar, ao homem cabe seguir sua vida com autonomia e independência. Tal independência se expressa de diversas maneiras: na relação com os filhos, que na maioria dos casos ficam sob os cuidados da avó materna ou de outras mulheres da família; na sua forma de moradia, pois continua vivendo na casa de sua família ou na nova casa construída com os frutos da emigração; no domínio da sexualidade dela, que deve ser suspensa; e na plena vivência de sua vida sexual, uma vez que estes homens seguem mantendo relações ocasionais ou duradouras e públicas com mulheres que vivem na ilha.

Por sua vez, estes homens também vivem à espera. Se não admitem viver uma espera passiva dos recursos financeiros oriundos do trabalho dela no exterior, de alguma forma esperam seus retornos periódicos nos períodos de férias, esperam suas notícias, esperam uma oportunidade de também emigrar.

Assim como as mulheres que esperam não deixam de fazer suas vidas e de seus filhos, os homens que fazem suas vidas com autonomia não deixam de esperar os frutos da emigração feminina. Em ambos os casos, por mais frouxos que estes possam ser, os vínculos conjugais parecem ditar diferentes compassos de espera. Certamente são esperas distintas. No caso das mulheres, podem ser dramáticas, pois a impossibilidade de vivenciar sua sexualidade e afetividade (ainda que seja de forma pública) gera uma construção de si marcada por um sentimento de incompletude e frustração, de não realização plena de seu eu.

Mas acrescentamos, a partir dos dados com mulheres emigrantes, que a mulher que espera não necessariamente é só aquela que fica, pois sobre a vida afetivo-sexual da mulher que emigra impera um silêncio. Como se na emigração, longe do companheiro, ela também vivenciasse a suspensão de qualquer possibilidade de afeto conjugal⁴². A espera, portanto, seria para a mulher uma condição moral inerente ao movimento migratório, seja ela quem fica ou quem vai.

Considerações finais

Antes de concluir, ponderamos que estamos trabalhando aqui com tipos e, em alguma medida, com uma esfera do discurso que nos coloca diante de casos ideais, de modelos de comportamento esperado. Se nos deslocamos para a esfera do cotidiano, certamente nos aproximaremos de estratégias possíveis que permitem que mulheres e homens vivenciem a espera de forma criativa. Dito isto, adiantamos aqui dois caminhos analíticos que se desenvolvem a partir dos dados apresentados.

Primeiramente, entendemos que a espera pode ser uma chave analítica interessante para pensar como a emigração afeta universos locais sob a ótica de quem fica. Vivida diferentemente por mulheres, homens e demais familiares, a espera inerente ao projeto familiar de migração parece dar o ritmo das vidas daqueles que ficam. Mas para dar conta da dramaticidade da espera na vida de mulheres, nos apoiamos na noção de *waiting* tal como desenvolvida por Crapanzano⁴³, pois ela nos ajudou a compreender o significado do que poderíamos chamar de um tempo de espera (*time of waiting*) para as mulheres de emigrantes, ou seja, um “estar orientado no tempo de uma maneira

⁴² Devemos esclarecer que para nós não foi uma questão averiguar sobre a vida sexual dessas mulheres, seja em Cabo Verde seja na emigração. Interessam-nos mais os silêncios e as suposições do que o fato em si, pois no terreno da moralidade, os não-ditos dizem muito.

⁴³ O contexto etnográfico de Crapanzano, que se debruça na experiência do sul-africanos brancos durante o regime de Apartheid na África do Sul, é muito distinto do nosso, entretanto a forma como teoriza sobre a experiência da espera tanto em sua tensão melodramática como experiência corriqueira (1986), nos inspirou a melhor compreender a espera como categoria moral em nosso caso de estudo.

especial. Estar dirigido para o futuro, não um futuro amplo, mas constricto que se fecha no presente”⁴⁴. Essa noção de espera como uma orientação no tempo que é especial, em direção a um futuro que se encerra no presente, nos parece bem representar a espera como uma condição moral que impõe a essas mulheres uma vivência do presente que orienta o futuro, pois é uma espera de uma vida inteira. Assim o foi para Vitalina Varela, que, vivendo uma crônica da ausência, revive a dor e o pesadelo de uma vida de espera que não lhe permite vislumbrar um futuro. Mas somente voltar ao passado até chegar ao começo, e o começo é sua história de amor com Joaquim, a primeira “faísca” de amor e felicidade. Em suas palavras, “amor é tão importante”.

Para essas mulheres, esperar é esperar por alguém, por algo. Uma atividade passiva, uma vez que a elas não cabe agir objetivamente sobre a espera. Conforme afirma Capranzano, o que nos cabe é fazer o que podemos para assegurar sua chegada, se a desejamos, ou para evitá-la, se não a desejamos, mas, ao fim e ao cabo, sua chegada (ou não), está fora do nosso controle⁴⁵. Nesse sentido, a espera produz os sentimentos de impotência, desamparo e vulnerabilidade. Certamente, estamos tratando aqui de um estado de espírito, de uma autopercepção de sua existência sendo vivida em tempo de espera, sendo que a vida cotidiana segue. Voltando aos casos aqui apresentados, temos o sentido de uma espera de algo que desejamos ou não, mas que não podemos evitar, acabando por se constituir como uma condição que marca a vida afetiva dessas mulheres, bem como os julgamentos morais sobre elas.

Mas resta ainda uma questão final: em que medida essa condição de espera é produzida pela emigração? Se ampliamos nossa lente para a vida nas ilhas e para as dinâmicas familiares para além dos contextos migratórios, se é que isso é possível em Cabo Verde, tudo indica que estamos diante de um sistema de assimetrias de gênero que não só parece dar as condições para que a emigração seja um traço estruturante dessa sociedade, mas diferentemente do que poderíamos pensar, as dinâmicas migratórias não rompem com esse sistema, este sendo reproduzido por elas. Nesse sentido, mulheres que ficam e mulheres que emigram seguem tecendo a vida familiar ativamente, enquanto suas vidas seguem em compasso de espera.

⁴⁴ CRAPANZANO, 1986, p. 43.

⁴⁵ CRAPANZANO, Vincent. *Waiting: The Whites of South Africa*. New York: Random House, 1986. p. 45.

Referências

- ANJOS, José Carlos. Sexualidade juvenil de classes populares em Cabo Verde: os caminhos para a prostituição de jovens urbanas pobres. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 163-177, 2005.
- BATALHA, Luis; CARLING, Jorgen (Orgs.). *Transnational Archipelago Perspectives on Cape Verdean Migration and Diaspora*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.
- BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. São Paulo: Companhia das Letras (ed. Kindle), 2017 [1953].
- BONGIANINO, Claudia. *Malas de sonhos e saudades: família e mobilidade entre cabo-verdianos na Itália*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- BORDONARO, Lorenzo. Masculinidade, violência e espaço público: notas etnográficas sobre o bairro Brasil da Praia (Cabo Verde), *Revista Tomo*, n. 21, p. 101-136, 2012.
- BRAZ DIAS, Juliana. *Entre partidas e regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- BROOKS JR., George E. The Signares of Saint-Louis and Gorée: Women Entrepreneurs in Eighteenth-Century Senegal. In: HAFKIN, Nancy J.; BAY, Edna G. (Orgs.). *Women in Africa: studies in social and economic change*. Stanford: Stanford University Press, 1976.
- CARDOSO, Carla Santos de Carvalho. *Fornadjeiras da Ribeira de Principal: poder, resistência e identidade feminina no espaço de produção*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde, Praia, 2009.
- CARDOSO, Carla Santos de Carvalho. Mulheres na “fornadja”: tecendo caminhos (im)possíveis para a emigração. *Estudos Feministas*, v. 24, n. 3, p. 973-981, 2016.
- CARLING, Jorgen. *Aspiration and ability in international migration: Cape Verdean Experiences of Mobility and Immobility*. Oslo: University of Oslo, 2001.
- CASTRO, Julie. Les filles sont trop matérialistes. Tensions et soupçons dans les transactions sexuelles au Mali. In: FASSIN, Didier et al. (Eds.). *Economies morales contemporaines*. Paris: La Découverte, 2012. p. 309-330.
- CRAPANZANO, Vincent. *Waiting: The Whites of South Africa*. New York: Random House, 1986.
- DEFRAYNE, Elisabeth. *Au rythme des tambor : ethnographie des mobilités des “gens de Santo Antão” (Cap-Vert, Belgique, Luxembourg)*. Thèse (Doctorate en Sciences Politiques et Sociales: Anthropologie) – Université Catholique de Louvain, Louvain, 2016.
- ÉVORA, Iolanda (Org.). *Diáspora cabo-verdiana*. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2016. (Temas em debate, E-book).
- FORTES, Celeste. “Regressar é regredir”: estudantes cabo-verdianas em Lisboa e discursos sobre os projectos de retorno a Cabo Verde. In: ÉVORA, Iolanda (Org.). *Diáspora cabo-verdiana*. Lisboa: CEsa – Centro de Estudos sobre África, Ásia e América Latina, 2016, p. 88-105. (Temas em debate, E-book).
- FORTES, Celeste. As vendedeiras de Cabo Verde: circulação de produtos, informalidade e mulheres no espaço público de Cabo Verde. In: LOPES, José Rogério (Org). *Visagens de Cabo Verde: ensaios de antropologia visual e outros ensaios*. Porto Alegre: Cirkula, 2015. p. 101-121.
- FURTADO, Cláudio. *A transformação das estruturas agrárias numa sociedade em mudança – Santiago, Cabo Verde*. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco, 1993.

- GRASSI, Marzia. *Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais; Spleen Edições, 2003.
- GRASSI, Marzia; ÉVORA, Iolanda (Orgs.). *Gênero e migrações cabo-verdianas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- LAURENT, Pierre-Joseph. *Amours pragmatiques: familles, migrations et sexualité au Cap-Vert aujourd'hui*. Paris: Karthala, 2018.
- LAURENT, Pierre-Joseph. Famílias sob influência de leis migratórias dos países de acolhida. Comparação das migrações cabo-verdianas nos Estados Unidos e na Itália. In: LOBO, André; DIAS, Juliana Braz. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília; Praia: ABA Publicações; EDUni-CV/Letras Livres, 2016. p.137-197.
- LAURENT, Pierre-Joseph. Le désir d'enfant et la transmission dans le projet migratoire de femmes capverdiennes. *Anthropologie et Sociétés*, v. 41, n. 2, p. 59-78, 2017.
- LIMA, Redy. Delinquência juvenil coletiva na Cidade da Praia: uma abordagem diacrónica. In: PUREZA, José Manuel; ROQUE, Silvia; Cardoso, Katia (Orgs.). *Jovens e trajetórias de violências. Os casos de Bissau e da Praia*. Coimbra: Edições Almedina, 2012. p. 57-82.
- LOBO, Andréa. A família em Cabo Verde: uma perspectiva antropológica. *Revista de Estudos Cabo-Verdianos*, Praia, v. 4, p. 99-114, 2012.
- LOBO, Andréa. Crianças em cena. Sobre mobilidade infantil, família e fluxos migratórios em Cabo Verde. *Revista de Ciências Sociais Unisinos*, v. 49, n. 1, p. 64-74, 2013.
- LOBO, Andréa. Making Families: child mobility and familiar organization in Cape Verde. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 8, n. 2, p. 197-219, 2011.
- LOBO, Andréa. Negociando pelo mundo: as rabidantes cabo-verdianas e suas rotas comerciais. In: TRAJANO FILHO, Wilson (Org.). *Travessias Antropológicas: estudos em contextos africanos*. Brasília: ABA Publicações, 2012b. p. 317-338.
- LOBO, Andréa. *Tão longe e tão perto: famílias e “movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. E-book. Brasília: ABA Publicações, 2014.
- LOBO, Andréa. Um filho para duas mães? Notas sobre a maternidade em Cabo Verde. *Revista de Antropologia da USP*, v. 53, n. 1, p. 117-145, 2010.
- MASSART, Gui. Masculinités pour tous ? Genre, pouvoir et gouvernementalité au Cap-Vert. Le foyer dans la spirale de l'ouverture et du changement à Praia. *Lusotopie*, v. XII, n. 1-2, p. 245-262, 2005.
- MASSART, Gui. The aspirations and constraints of masculinity in the family trajectories of Cape Verdean men from Praia (1989-2009). *Etnográfica*, v. 17, n. 2, p. 293-316, 2013.
- MONTEIRO, Maria Ivone. *Família e género na perspectiva das mulheres kumbóssas: um estudo etnográfico no Concelho de Santa Catarina, Ilha de Santiago/CV*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde – UniCV, Praia, 2013.
- PECHENY, Mario; PALUMBO, Mariana. *Esperar y hacer esperar: escenas y experiencias en salud, dinero y amor*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo Press, 2017.
- SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (Orgs.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.
- TRAJANO FILHO, Wilson. O quão frágeis são os valores modernos: o fratricídio em Germano Almeida. In: LOBO, Andrea; BRAZ DIAS, Juliana (Orgs.). *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações, 2016. p. 29-46.

VASCONCELOS, João, “Manera, ess muv?”: a mobilidade como valor em São Vicente de Cabo Verde. *In*: BRAZ DIAS, Juliana; LOBO, Andréa LOBO (Eds.). *África em movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 49-64,

VEIGA, Maria Anilda Martins. *(Re)configuração identitária das mulheres cujos maridos/companheiros emigraram*: uma análise a partir das mulheres de Pilão-Cão. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Cabo Verde – UniCV, Praia, 2013.

VEIGA, Maria Anilda Martins. (Re)configurações identitárias entre mulheres cujos maridos/companheiros emigram: o caso de Pilão Cão. *In*: SILVA, Carmelita; VIEIRA, Miriam Steffen. *Gênero e sociabilidades no interior de Santiago*. Praia, Santiago, Cabo Verde: Ed. UniCV; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 152-181.

VENANCIO, Vinícius. “*Compra li, vende aqui*”: comércio transnacional e relações familiares em Mindelo – Cabo Verde. Monografia (Bacharelado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.